

14º Congresso Brasileiro de Design: Fotografia e Comunicação Visual: A Percepção de Mundo do Autista por meio da Imagem Fotográfica

14th Brazilian Congress on Design Research: Photography and Visual Communication: The Autistic's Perception of the World through Photographic Image

GORSKI, Brenda; Mestranda em Design; Universidade do Estado de Santa Catarina

brendagorski@hotmail.com

MAGER, Gabriela; Doutora em Design; Universidade do Estado de Santa Catarina

gabriela.mager@udesc.br

O desconhecimento da sociedade em relação aos níveis de acometimento do autismo e os problemas cotidianos trazem, entre outras complicações, dificuldades nas relações sociais. Estabeleceu-se como objetivo desta pesquisa, propor que a fotografia seja usada como ferramenta para a visualização da percepção do autista, expondo graficamente essa diferente percepção de mundo. Para alcançar o objetivo nessa pesquisa, fundamentou-se o estudo do Transtorno do Espectro Autista, das possibilidades de expressão por meio da fotografia, da comunicação visual e, realizou-se pesquisa de campo com entrevistas individuais por meio eletrônico com dois autistas e quatro mães. Como resultado, apresentou-se produção de um livro fotográfico da percepção de mundo do autista em relação aos sentidos sensoriais, explorando sobretudo os sistemas do equilíbrio, audição, visão e consciência corporal, representando através da imagem fotográfica os pontos destacados pelas mães em entrevistas: peculiaridade, formas de auxiliar e autismo além dos estereótipos.

Palavras-chave: Autismo; Fotografia; Comunicação Visual.

Society's lack of knowledge regarding the levels of autism involvement and everyday problems brings, among other complications, difficulties in social interaction. The objective of this research is to propose that photography be used as a tool to visualize the autistic perception, graphically establishing this different perception of the world. To achieve this objective, the research was based on the study of Autism Spectrum Disorder, the possibilities of expression through photography, visual communication, and field experiments were carried out with individuals through electronic means with two autistics and four mothers. As a result, the production of a photographic book of the perception of the world of the autistic in relation to the sensorial senses was presented, exploring points mainly of the balance, hearing, body awareness and vision systems, representing through the photographic image

characteristics highlighted by the mothers in interviews: peculiarity, ways of helping and autism beyond stereotypes.

Keywords: Autism; Photography; Visual Communication.

1 Introdução

Os humanos são seres sociáveis, considerando a necessidade de pertencimento em grupos e sobrevivência, que perpetua entre a sociedade desde as épocas pré-históricas. Inseridos no meio social, diversos indivíduos apresentam condições divergentes, que podem gerar dificuldades de sociabilidade. Entre elas apresenta-se o autismo, presente em uma a cada 44 crianças de até 8 anos nos Estados Unidos, estima-se segundo resultados gerais do relatório do Centro de Controle de Doenças e Prevenção (MAENNER *et al.*, 2021).

Pessoas com autismo possuem dificuldades de comunicação e em seus aspectos comportamentais, em destaque o transtorno de processamento sensorial, que é proporcionado devido à interpretação e processamento de estímulos do cérebro autista ocorrer de forma distinta à de um cérebro neurotípico, que não apresenta disfunção neurológica (DINIZ; BARBOSA; SANTOS; 2009).

A síndrome não apenas diz respeito à avaliação médica, mas também engloba uma desvantagem e desigualdade social, visto que a participação para esse grupo possui muitas barreiras, ocasionadas por um discurso naturalizado de impedimentos e limitações corporais como pressuposto de afastamento social. Além disso, o conhecimento sobre o espectro é contido, fator prejudicial ao grupo (DINIZ; BARBOSA; SANTOS; 2009).

Atualmente, busca-se meios de facilitar a vida dessas pessoas, através de ferramentas e métodos que auxiliem na aprendizagem e no seu desenvolvimento, de forma a torná-los mais independentes, visto que ainda são consideravelmente novas as iniciativas de inserção social dos autistas e há espaço para desenvolvimento de projetos.

Como meio de captação de sensações e percepções, a fotografia desempenha seu papel em transmitir mensagens ao receptor, e sua interpretação se dá através de meios sociais, de vivências pessoais. Visando a empatia e a transformação social em relação à desigualdade, é sabido que a fotografia possui engajamento emocional, que pode trazer como resultado impactos sociais e comportamentais. É importante a discussão da inclusão social, a conscientização, apoio à causa e conhecimento por parte da sociedade, competente para trabalhar conjuntamente em diferentes aspectos para uma melhora social.

Mostra-se essencial, levantar o universo autista com suas principais características, especialmente a disfunção sensorial, aprofundar o estudo sobre comunicação visual e leitura de imagem, conceituar a fotografia como meio de reflexão comprovando essa função através da história e por fim, apresentar e analisar a produção fotográfica realizada com base na percepção de mundo do autista levantada.

Uma fotografia impactante pode causar a reflexão sobre determinado assunto, trazer maior sensibilidade e possibilidade de compreensão do próximo. Sendo assim, este trabalho possui como objetivo, apresentar o potencial da imagem fotográfica como elemento da comunicação visual que desperta a reflexão sobre a percepção de mundo do autismo, sobretudo em relação aos sentidos sensoriais. Espera-se auxiliar autistas indiretamente, de forma a conscientizar as pessoas acerca do Espectro Autista e suas limitações e dificuldades, através da imagem fotográfica.

O procedimento metodológico desse estudo, de característica exploratória, envolveu pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. O objetivo concentrou-se em reunir informações necessárias para apresentar os diversos espectros da fotografia, apresentando seu potencial reflexivo da percepção de mundo dos autistas.

Para se chegar ao resultado, a pesquisa bibliográfica contextualizou e caracterizou o autismo, sobretudo a disfunção sensorial do espectro. Na sequência, também com pesquisa bibliográfica, foi possível trazer a perspectiva da comunicação através de imagens, a comunicação visual, sua ampla gama de usos e características de processos e método de leitura. Realizou-se uma pesquisa em busca de fotógrafos, livros e exposições fotográficas relevantes historicamente que exemplificam o uso da imagem fotográfica para transmissão de mensagem, como o livro *"Down Home"* e os fotógrafos Lewis Hine e Diane Arbus, destacando o nível reflexivo da fotografia como ferramenta para construção de questionamento social.

Posteriormente realizou-se uma pesquisa de campo, de maneira on-line e remota, por conta da pandemia do vírus COVID-19. A entrevista contou com a participação de quatro mães e dois autistas, sendo a primeira etapa estruturada e a segunda etapa semiestruturada. Pode-se identificar os pontos mais incômodos e prejudiciais para os autistas na sociedade em função da falta de compreensão em relação à disfunção sensorial que apresentam. Dessa forma, essa etapa foi essencial para fundamentar a produção fotográfica e assegurar os tópicos importantes para retratar de forma visual as questões sensoriais que envolvem a disfunção no autismo.

2 Autismo e sua Percepção de Mundo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está entre os transtornos invasivos de desenvolvimento mais comuns, comprometendo processos fundamentais de socialização, comunicação e comportamento. Atualmente é considerado um espectro por conta das variações que apresenta, possui diversas características, e pode se manifestar de diversificadas formas, intensidades ou graus e em diferentes pessoas, porém sempre em relação à esta tríade de sintomas e áreas da vida que estão relacionadas às habilidades sociais (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Por ser um espectro com alta complexidade, ainda existem dificuldades para defini-lo. Em janeiro de 2022, o CID-11 (Classificação Internacional de Doenças) entrou em vigor com um novo agrupamento de classificação para o autismo, que leva em consideração as alternâncias de características, sobretudo em relação à linguagem funcional e às capacidades intelectuais. Dessa forma, apresenta-se:

Quadro 1 – Classificação do autismo

TEA

Sem deficiência intelectual e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;

Com deficiência intelectual e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;

Sem deficiência intelectual e com linguagem funcional prejudicada;

Com deficiência intelectual e com linguagem funcional prejudicada;

Com deficiência intelectual e com ausência de linguagem funcional;

Outro especificado;

Não especificado.

Fonte: Junior, 2022.

Os autistas podem apresentar diversas dificuldades de processamento que acarretam comportamentos atípicos. Entre elas, destaca-se a disfunção sensorial, devido à receptividade dos estímulos externos ser distinta das pessoas neurotípicas¹, com extrema dificuldade de processamento e organização dessas informações. Portanto os autistas não somente enxergam o mundo de forma diferente, como sentem também. Estão a todo instante sendo bombardeados de emoções e estímulos, que nem mesmo conseguem definir com clareza (HIGASHIDA, 2014).

A ideia de que o autismo é um transtorno com distúrbios sensoriais já é bem difundida, onde percebe-se que cerca de 95% das crianças autistas demonstraram disfunção no processamento sensorial (MATTOS, 2019). Dessa forma, o cérebro autista processa estímulos externos de forma atípica, onde o sistema sensorial de cada indivíduo pode apresentar disfuncionalidade com um sentido específico ou mais, sendo sub ou super-reativos à estimulação. De acordo com a intensidade com que o estímulo é recebido, o autista poderá ser identificado como hipersensível ou hipossensível para cada ação externa (HATCH-RASMUSSEN, 2020).

Os autistas hipersensíveis são excessivamente receptivos, ficam incomodados com sons, texturas, aromas, e quaisquer outras informações que são captadas, respondendo aos estímulos de forma violenta e irritada. Já os autistas hipossensíveis, quase não correspondem aos estímulos, por isso tendem a buscá-los com a finalidade de autoestimulação. Na Tabela 1 é possível visualizar cada uma das reações possíveis em relação aos sistemas sensoriais.

Tabela 1 – Disfunção sensorial

Sistemas	Hipersensível	Hipossensível
Equilíbrio	Dificuldades em encostar os pés no chão, desconforto em relação às tarefas com movimento.	Realizam movimentos intensos, como girar, pular, correr e balançar.
Consciência Corporal (Propriocepção)	Habilidades motoras comprometidas, comandos que não tem respostas.	Movimentos repetitivos, enfileiramento de objetos, entre outros.
Visão	Evitam a luz, sentem dores nos olhos e cabeça, podem recusar alimentos pelas cores e possuir dificuldade para interpretar expressões faciais.	Observam objetos em movimento, com cores vibrantes e escuras. Podem apresentar atração pela luz e possuem ótima percepção de profundidade.

¹ Pessoas neurotípicas não são acometidas por nenhuma disfunção ou condição neurológica singular.

Audição	Desconforto e confusão em ambientes com problemas acústicos, sons podem ser distorcidos e ampliados.	Sons podem ser escutados especificamente ou separadamente, podem gostar de lugares com sons.
Olfato	Odores e aromas podem incomodar e afetar o gosto por determinados alimentos.	Preferência por certos aromas.
Tato	Desconforto com determinados materiais de roupas, texturas, toques e contato físico, intolerância à dor e medo de locais lotados.	Conforto com toques e pressão sob o corpo, atração por superfícies ásperas, tolerância incomum à dor e falta de sensibilidade em relação às temperaturas.
Paladar	Sensibilidade bucal, pode acarretar seletividade alimentar, onde cores, sabores e texturas podem ser recusados.	Exploração bucal de objetos.

Fonte: Adaptado de Ayres (*apud* GALLINA, 2019), Hatch-rasmussen (2020) e Grandin e Panek (2013).

Em cada um dos sistemas sensoriais existem diversas possibilidades de comportamentos e reações hiper ou hipossensíveis, existindo a possibilidade das condições se apresentarem simultaneamente em um mesmo sentido ou não. Nota-se que o TEA apresenta como característica a dificuldade em processar os estímulos, configurando a percepção de mundo dos indivíduos distinta àquilo que é reconhecido por pessoas neurotípicas.

3 Comunicação Visual e a Leitura de Imagem

Os seres humanos se expressam desde os tempos primordiais e época pré-histórica, com comunicação através de desenhos, conhecidos hoje como pinturas rupestres. Segundo Frutiger (2007), acredita-se que a escrita e a fala surgiram quase simultaneamente, de forma que os desenhos estavam estreitamente conectados com as primeiras sílabas e palavras. Algumas escritas deram continuidade em sua forma figurativa e outras sofreram mudanças, simplificações e alterações ao longo do tempo, dando origem às escritas conhecidas como alfabéticas.

Ao longo do desenvolvimento das formas de escritas e, principalmente ao longo da evolução intelectual do ser humano, a compreensão de mensagem não se limitou à comunicação verbal e escrita, também evoluiu para a linguagem visual. Assim como a linguagem verbal, a visual conta com um modelo básico de reconhecimento de aprendizado, interpretação, identificação e compreensão. Segundo Munari (1997) e Dondis (2007), cada mensagem visual possui diversos componentes e elementos básicos individuais de construção visual em todas suas infinitas possibilidades e combinações.

Entre os elementos básicos de construção estão o ponto, a linha, o tom, a cor, a escala, a dimensão, a textura, a forma, a estrutura, o módulo e o movimento. A comunicação visual é uma mensagem de meio perceptivo visual que está repleta de mensagens, pensamentos e ideias. Podem elas carregar significado, símbolos e signos, mas dependem entre si de um emissor e um receptor.

Segundo Oliveira (2009), as imagens possuem numerosas funcionalidades, desde informativas à políticas, onde essas funções podem se alterar ao longo do tempo através de contextos sociais e culturais. Os elementos apresentados nas imagens se relacionam, através de combinações, chamadas de procedimentos relacionais, dessa maneira um só elemento pode relacionar-se com outro ou com grupos de elementos, ou ambos simultaneamente. Uma analogia que Oliveira utiliza é que ao visualizarmos a imagem como texto verbal, seus elementos constitutivos são identificados pelas palavras e os procedimentos relacionais são as organizações das palavras em si.

Esse processo em que ocorre a leitura de imagem e a tradução de mensagem, é multidimensional e simultâneo, no qual a análise de diversos itens acontece ao mesmo tempo, enquanto os olhos realizam leituras de cima para baixo, olhando o todo e depois se atentando aos detalhes, os sinais são traduzidos simultaneamente.

Oliveira (2009) aborda a complexidade da leitura de imagem destacando uma metodologia para esse processo, em que se busca significações. De maneira visual com leitura de maneira macro para micro, sua proposta é de desmonte da imagem aos poucos à procura de sentidos, assim o leitor deve explorar sua interpretação, observando elementos básicos e a imagem como um todo. A análise percorre uma trajetória que a autora afirma exploratória e não linear, com incontáveis possíveis sentidos a serem encontrados.

O processo é iniciado em busca da estrutura básica, responsável pela sustentação da composição visual, onde os elementos observados são eixos, figuras geométricas, diagonais, ângulos, entre outros. Depois, ocorre a observação pormenorizada e o leitor atém-se aos elementos minuciosos constitutivos, sendo eles: pontos, cores, planos, luz, dimensão, e também outros e significantes que não compõem a imagem, mas estão presentes, como suporte e recortes. No terceiro momento ocorrem as buscas pelas relações entre os elementos, articulações, combinações e outras possíveis interpretações, chamado de procedimentos relacionais. E por fim, o leitor realiza a retomada, onde direciona um novo olhar ao todo e seus detalhes, com uma segunda interpretação, observando detalhes minuciosos que primeiramente passaram despercebidos, bem como percebe as diversidades significativas, pois são inúmeros caminhos que podem ser explorados, tanto no plano de expressão quanto no plano do conteúdo da imagem (OLIVEIRA, 2009).

O emissor da mensagem visual pode usufruir de todos os materiais, possibilidades, técnicas e significações, tendo como resultado o encontro de símbolos, signos, mensagens e pensamentos que, mesmo inconscientemente por parte do criador estão presentes na composição e na solução visual desenvolvida. A visão de mundo do criador está presente em sua criação, seu discurso evidencia sua visão, independentemente do meio que o emissor ou criador opte, a expressão e o conteúdo estão sempre presentes em imagens (OLIVEIRA, 2009).

A leitura de imagem que o indivíduo realiza como receptor, enquanto ser predominantemente visual, tem origens do seu íntimo e o significado que será atribuído após a leitura da imagem, será uma junção, uma convergência de dois conceitos, o conceito inicial do emissor e o final do receptor, que dependerá de um processo complexo e repleto de filtros, relacionados ao mundo sensorial, cultural e funcional do receptor (FLUSSER, 1985).

Dessa forma, comprehende-se que é possível não só a reprodução do meio real como a expansão de algumas características escolhidas pelo emissor, como distorção de ângulo, edição de cores e outros, dessa forma, utilizando meios que estejam estritamente relacionados a construção de objetivo da imagem reproduzida como mensagem final, há a possibilidade de reproduzir representações de visões diferentes às usuais, como de daltônicos e aumentando a complexidade, a percepções de mundo dos autistas.

4 A Fotografia como Meio de Reflexão

O processo de registro através da luz foi descoberto em 1826 na França, técnica que ficou conhecida como fotografia. Inicialmente, em 1840 na Inglaterra, as câmeras produzidas eram utilizadas exclusivamente por pessoas muito habilidosas e até então não representava nenhuma função social nítida. Através da industrialização iniciariam questionamentos em relação à fotografia e novos fotógrafos surgiram, utilizando-a com o intuito de despertar consciência sobre a realidade social ao redor do mundo (SONTAG, 2004).

A fotografia criou voz como arte, discussão que decorreu por séculos até hoje, e ao longo do tempo cumpriu diferentes papéis, desde linguagem universal à documentação e registro de fatos históricos. Além disso, apresentou diversas características, de ressignificar e transmitir mensagens, ressaltar a posição social, embelezar pessoas, contar histórias, causar empatia, trazer à tona questionamentos morais, através da leitura da imagem (SONTAG, 2004).

A fotografia pode transmitir mensagens, através de símbolos, ícones e representações que dependerão de como o receptor da mensagem interpretará e entenderá o recado, sendo de grande importância e consideração o contexto e posição sociocultural desse indivíduo. Nesse sentido, o francês Rouillé (*apud* SOUZA, 2010, p.28) traz à tona a reflexão de que a documentação fotográfica existe e coexiste com um possível conceito, que pode ser transmitido por imagem, sendo uma mistura de ação técnica da câmera fotográfica com o próprio fotógrafo, produtor da foto, pensador de ideias e atribuidor de sentidos.

Segundo Souza (2010), entre as três categorias principais (fotografia-documento, fotografia-expressão e fotografia-matéria) que Rouillé percebeu e classificou de acordo com os seus papéis, a fotografia-expressão, trata de novas visibilidades e representações e formas de ver algo que já é conhecido através de outra visão divergindo da comum, onde só a captação de algo real não é o suficiente para transmitir a mensagem que o emissor deseja, para Rouillé, trata-se da criação de uma nova realidade.

No livro “Imagens que pensam”, de acordo com Samain (*apud* BAGGIO, 2013, p.2), as imagens são portadoras de pensamentos, objetos de comunicação, podendo até mesmo provocar emoções e sentimentos, enquanto objeto universal de linguagem e de alta sensibilidade.

A utilização de técnicas fotográficas para atribuição de sentido e transmissão de mensagem foi muito utilizada por diversos fotógrafos ao longo da história, com divergentes objetivos e oportunidades de reflexão. Pode-se perceber esse uso em diferentes momentos, em 1966 com a fotógrafa Diane Arbus, conhecida por se aproximar de pessoas “excluídas socialmente”. Ao final da década de 1940, onde Geraldo de Barros produziu sua série Fotoformas, uma sequência de imagens abstratas, explorando as possibilidades fotográficas.

Na história o uso das fotografias se expandiu gradativamente, e apresentou o objetivo de retratar minorias invisibilizadas, como o livro “*Down Home*” de 1972, repleto de fotografias que retratam um dos municípios mais pobres nos anos 60 nos Estados Unidos, destacando a desigualdade da época. Da mesma forma, o livro “*Wisconsin Death Trip*”, produzido em 1973 que retrata um município rural, em 1890 e 1910, deixam espaço ao leitor e receptor da mensagem a interpretação, bem como “*Let Us Now Praise Famous Men*”, projeto no qual é documentada a vida de diversos agricultores mais humildes e pobres, publicado no ano de 1941, que visavam dar conhecimento a uma realidade social e incentivar a empatia do leitor (SONTAG, 2004).

Em 1955, na exposição “*The Family of Man*” que contou com 503 fotos de 273 fotógrafos de países distintos, os registros de pessoas de diferentes raças, cores, idades, classes e biótipos, trouxeram reflexões importantes em relação aos aspectos universais dos seres humanos,

como um manifesto da igualdade (SONTAG, 2004). Em 1972, a fotógrafa Diane Arbus retratou em sua exposição fotográfica pessoas miseráveis, transmitindo a mensagem de absurdo através de uma metáfora que evidencia os privilégios de uns e a falta para outros.

O campo fotográfico mostra-se vasto, entre suas inúmeras possibilidades, visto que por décadas a mesma foi utilizada para impacto social, comoção e empatia, sendo amplamente utilizada como agente de mudança no campo da linguagem visual.

Oliveira (2009) aborda em seus estudos que a imagem com função principal estética é nomeada imagem artística. Considerando a vasta possibilidade de representação, a abordagem escolhida é a imagem estética e de expressão individual, pois a produção de fotografias nesta pesquisa tem como principal objetivo traduzir a percepção de mundo do autista.

5 Pesquisa de Campo: Qual a representação do mundo autista?

A iniciativa por uma representação da percepção de mundo do autismo pode ser responsável pelo auxílio ao grupo, indiretamente, pela distribuição de conhecimento acerca do espectro direcionado-a às pessoas neurotípicas, que passariam a compreender a relação do autista com seu entorno. Para aprofundar o entendimento acerca desta questão, buscou-se entrevistar mães de indivíduos autistas que pudessem detalhar a experiência diária ainda pouco descrita na bibliografia sobre o tema.

O processo de desenvolvimento de fotografias contou então com algumas etapas essenciais para a construção de estruturação de diretrizes fotográficas e conceito do projeto como um todo, através das necessidades do público, que foi detalhado pelas entrevistas, que objetivaram maior entendimento da vida cotidiana dos autistas e estudo de preconceitos, situações relacionadas à sociedade que eram perceptíveis para os mesmos e possíveis formas de transformação nesse meio.

Foram realizadas entrevistas com mães de autistas crianças e de autistas adolescentes individuais, nas quais foram coletadas informações de forma on-line, com vídeos chamadas e áudios gravados, devido à pandemia do vírus COVID-19 em 2020.

As entrevistas on-line foram estruturadas, com roteiro pré-definido e outras informações coletadas além do escopo das perguntas foram organizadas em continuidade por tópico abordado. E as entrevistas com os autistas semiestruturada, pela necessidade de maior flexibilidade para equidade de linguagem, de acordo com às necessidades individuais do momento de conversa.

Foram realizadas entrevistas com quatro mães, em formato aberto, com perguntas de cunho pessoal, sobre a história de cada família e, também, perguntas relacionadas aos problemas sociais enfrentados pelos indivíduos. Dessa forma foi possível uma melhor compreensão de realidade diferente da que neurotípicos vivenciam, bem como compreensão acerca da sociedade na prática, através de relatos e mapeamento de tópicos principais que as fotografias poderiam contribuir a nível social.

Objetivou-se dar voz ao público e espaço para representatividade, na sequência, dois autistas adolescentes se disponibilizaram para a entrevista, que contou com perguntas direcionadas ao estilo de vida dos mesmos e suas disfunções sensoriais. Após, realizou-se a análise e síntese das entrevistas, e mapeamentos de tópicos principais citados, conforme descrito a seguir.

5.1 Resultados da Pesquisa de Campo

As mães entrevistadas evidenciaram seu desejo de que o autismo não fosse visto pela perspectiva negativa, onde insere-se a importância de destacar o lado bom do autismo, enaltecendo a peculiaridade como algo positivo. “Ele enxerga algo que a gente não enxerga, pequenos detalhes, vento nas folhas. O estar dele no mundo é muito mais atento. A imagem para ele é muito importante.” (ENTREVISTADA 2).

Outra mãe citou que “[...] É uma criança muito sensível, se tu estás triste, ele fica triste.” (ENTREVISTADA 1). Fato que desmistifica falácia da sociedade em relação ao autista, nesse caso em específico, àquela de que eles não seriam pessoas naturalmente empáticas.

Adentrando a sociedade e os problemas que as mães enfrentam em relação ao futuro dos filhos, foi relatado que a falta de compreensão acerca do autismo, pode levar os mesmos a não serem incentivados em seus potenciais da mesma maneira que pessoas neurotípicas são.

Assuntos de foco e para alguns autistas podem ser utilizados de maneira positiva de acordo com suas faculdades naturais, foi relatado que os mesmos possuem um grande potencial que pode ser trabalhado, e até levado à carreira profissional, de maneira muito positiva com foco no assunto de interesse do indivíduo. Durante as entrevistas, a mãe (ENTREVISTADA 2) citou sobre seu filho “Ele passa o dia com o tablet na mão ouvindo música, que ele ama. A música para ele é como respirar, acorda de manhã, abre os olhos e a primeira coisa que faz é pegar o tablet.”, o que demonstra a grande afeição que os autistas podem apresentar por determinadas atividades ou assuntos e o potencial de trabalhar com ênfase no interesse individual.

A partir das entrevistas, pode-se perceber que as fotografias agregaram em seus objetivos outros temas que as mães demonstraram serem relevantes para a desmistificação do autismo, entre eles a necessidade de enaltecer o lado positivo do autismo, trazendo reflexões para o público leitor de peculiaridades como algo único, individual e com enorme potencial.

Outro ponto levantado foi em relação às formas de auxílio para autistas, em se tratando de nível social. Uma das situações relatadas foi “Deixaram no canto, ignoraram ele. [...] Isso acontece muito, existe um despreparo das pessoas.” (ENTREVISTADA 1). As entrevistadas demonstraram acreditar na conscientização do autismo como meio de auxiliá-los, já que diversas vezes percebem que o desconhecimento pode ser o causador e gerador de situações como a exemplificada. Segundo o grupo entrevistado, o conhecimento e a tolerância, são meios essenciais para se construir uma sociedade mais empática, que insira de maneira calorosa os autistas na sociedade.

O apoio é fundamental, a rede de apoio, ter uma divulgação maior. Crianças neurotípicas conviverem com crianças autistas [...]. As crianças convivendo com o diferente elas vão respeitar. [...] Todo mundo sai ganhando, você aprende a ser tolerante com o diferente e a criança que é diferente vai saber lidar com o diferente dela. É assim que nasce o respeito, a tolerância (ENTREVISTADA 3).

Adentrando as formas de auxiliar o grupo, especificamente em relação às disfunções sensoriais, muitos autistas não são compreendidos em momentos de crise e incômodos, como relata uma mãe, “[...] Ficam olhando para ele com cara esquisita.” (ENTREVISTADA 3). Dessa forma, muitas pessoas por desconhecerem possíveis causas de crises, também não conseguem evitá-las. Além de reconhecer a percepção de sensações que podem ser negativas para eles, se faz necessário também que a sociedade identifique meios que podem regular um TEA em “um mundo que pode enlouquecer”, como citou a mãe (ENTREVISTADA 3).

Levando em consideração esses fatores importantes, para a produção das fotografias, a percepção apenas negativa das sensações do autismo, poderia ser limitante para o trabalho e

iria contra a vontade levantada pelas mães de representação de características peculiares como positivas. Sendo assim, mostrou-se essencial que percepções de mundo positivas estivessem presentes nas fotografias produzidas por dois motivos principais: para que a sociedade possa identificar aquilo que pode ajudar um autista em seu momento de crise e que possam reconhecer que sua percepção de mundo singular pode ser um fator positivo, contribuindo para a redução do preconceito.

Ele ama ficar parado no Sol, ele gosta de sentir, sabe? Quer ver ele feliz é isso: joga no mato, na areia, deixa na rede, ama muito, tem uma brisa gostosa, é o lugar preferido dele (ENTREVISTADA 1).

O que o acalma é a água, do chuveiro, banheira, piscina, mar... Isso o acalma muito, ele se regula na água. O banho faz esse papel! Desde pequenininho quando eu o via chorando, ou algo estava o incomodando, se eu colocava no banho, ele acalmava. E atividades ao ar livre, que também o ajudam muito (ENTREVISTADA 3).

Outra percepção relevante durante a entrevista, foi o incômodo da maioria das mães em relação às limitações por conta dos rótulos atribuídos ao autismo, que acompanham os estereótipos. Diversas vezes as mães percebem preconceitos em relação à personalidade dos autistas, fato que para elas, resulta em apagar traços e características da sua individualidade, como se todas suas ações e personalidade fossem definidas por conta do autismo.

[...] aquele diagnóstico, aquele rótulo está ali, mas tem uma criança por trás, com características só dela que não tem nada a ver. Existem outras características que não são aquelas que a gente espera de uma criança autista. [...] Temos que desmistificar os rótulos, "é autista não pode com barulho", "vai andar na ponta do pé"... São indivíduos, e como qualquer indivíduo são seres únicos (ENTREVISTADA 1).

Quando sabem que ele é autista o subestimam, a capacidade [...]. Aí quando vão conhecendo aos poucos e convivendo, "Nossa, mas ele é muito inteligente", "Nossa, ele faz isso!", as pessoas ficam surpresas que ele consegue fazer as coisas (ENTREVISTADA 3).

Esse é ele: gosta de brincar, de se divertir, mas tem que ter muito jeitinho. Ele é extremamente carinhoso, muito do abraço, bem mais que o irmão (ENTREVISTADA 1).

Afirmaram seu desejo de que as pessoas tenham empatia e que possam dar as mesmas oportunidades que dão aos neurotípicos para os autistas, de forma a não os limitar antes mesmo de eles terem a chance de demonstrar sua verdadeira capacidade. Além disso, apontaram que os estereótipos, ou seja, a visão delimitada do que representa o autismo, em relação à sociedade, pode trazer limitações, que a longo prazo podem ter grandes consequências e interferências no desenvolvimento dos mesmos.

Então, através de três pontos principais: peculiaridade como algo bom, formas de ajudar e autismo além dos rótulos, foi possível identificar oportunidades para o desenvolvimento das fotografias. Desta forma, buscou-se pela fundamentação teórica e por dados levantados com a experiência de mães de autistas, o entendimento deste universo para o desenvolvimento da produção fotográfica.

6 A percepção do Autista pela Imagem: Desenvolvimento da Produção Fotográfica

O ato de ver está atrelado à interpretação, compreensão e percepção, que abrange também a cultura do receptor da mensagem, sua visão de mundo, sua perspectiva e experiências de vida. Considerando que a percepção neurotípica de mundo é completamente distinta da percepção autista, o público alvo não teria o repertório de experiência como o próprio autista. Dessa maneira, e considerando o objetivo de mostrar a percepção de mundo do autismo através de imagens, se fez necessário um apoio que guiasse o leitor por sua interpretação, onde segundo Oliveira (2009), uma orientação pode instigá-lo a buscar outras significações para uma imagem.

Esse apoio foi definido como textual e auditivo, seguindo a intenção de conectar ainda mais o leitor com o público, trazendo também a representatividade, dando voz aos protagonistas do trabalho e trazendo sons que intensificam as sensações dos sentidos.

Segundo Sontag (2004), fotos acompanhadas de citações parecem mais autênticas do que narrativas fictícias, por conta de serem extraídas de pedaços da realidade. Dessa forma, definiu-se a produção de um livro fotográfico de forma a comunicar a percepção de mundo do autista, que contou com o apoio textual de trechos de obras escritas por um autor autista. Assim, o texto se transforma também em material de leitura e interpretação durante a experiência do receptor da mensagem, o indivíduo neurotípico.

Bem como as entrevistas guiaram os pontos principais a serem destacados nas fotografias, a obra *O que me faz pular*, de 2014, do escritor autista Naoki Higashida, foi de grande inspiração. Não apenas para maior compreensão das disfunções sensoriais, como tornou-se protagonista no livro produzido, trazendo apoio textual verídico às fotografias.

Além da experiência visual agregada das fotografias e trechos das obras, a estrutura como um todo também transmite uma mensagem, bem como a trajetória do livro. Foi fundamental a definição e mapeamento desse percurso como experiência, unindo a necessidade que as mães apresentaram de pontos positivos sobre o autismo, para a estruturação do livro fotográfico. Inicialmente com sensações leves, seguidas de conteúdo denso, chega-se ao ápice da história, representando também uma possível crise, onde a disfunção sensorial afeta o autista de maneira insuportável.

Algumas sensações específicas foram escolhidas através de um critério de prioridade em relação às percepções com maior potencial empático. Sendo assim, para que houvesse maior conexão com o leitor, foram exploradas algumas situações que demonstram mais claramente a disfunção sensorial, algumas classificadas em hipersensibilidade, outras em hipossensibilidade, retratando o sistema do equilíbrio, visual, de consciência corporal, tático e auditivo.

São selecionadas neste tópico, 4 das 31 fotografias totais produzidas para a realização da leitura das imagens do livro desenvolvido, cujos os critérios utilizados são baseados nas diretrizes de Oliveira (2009), descritos anteriormente. O objetivo da leitura de imagem é a busca de sentidos e significações por parte do leitor e receptor da mensagem. Dessa maneira, a estruturação de leitura dá-se primeiramente com destaque da estrutura básica, seguido de observação de minúcias e procedimentos relacionais, finalizando com a retomada de leitura.

As fotografias selecionadas apresentam potencial de análise e compõem o livro produzido, que pode ser acessado em sua íntegra nas referências bibliográficas com título “Fotografia e Comunicação Visual: A Percepção de Mundo do Autista por meio da Imagem Fotográfica”. A primeira fotografia selecionada diz respeito ao sistema do equilíbrio, o responsável pelo movimento, postura e senso de movimentação e espaço (FIGURA 1).

Para sua produção, buscou-se a representação espacial de autistas hipersensíveis, que possuem dificuldade com o equilíbrio e apresentam desconforto em situações que incluem movimento, evitando-o. O trecho de estudo que acompanha a fotografia, refere-se à sensação da percepção do espaço, com efeito negativo:

Nesses momentos, sentimos como se o chão estivesse tremendo, como se tudo ao redor de nós estivesse vindo em nossa direção, e isso é muito apavorante. Então, para nós, cobrir os ouvidos é uma forma de nos protegermos e recuperarmos a consciência do lugar onde estamos (HIGASHIDA, 2014, p. 52).

Figura 1: Fotografia noturna



Fonte: autora, 2022.

Iniciando a leitura com o método apresentado por Oliveira (2009), analisando primeiramente a estrutura básica, as linhas que compõem a fotografia são convergentes, com um ponto de fuga centralizado na linha do horizonte, onde todas as linhas convergem vistas através dessa perspectiva paralela, que possui apenas um ponto de fuga. A imagem apresenta um afunilamento das linhas em direção ao ponto que geram sensação visual de profundidade e algumas formas triangulares, nas laterais e na base, todas com ponto superior dos triângulos centralizados na imagem.

Analizando os elementos constitutivos, no que se refere às cores, os tons são predominantemente escuros, as luzes que formam as linhas são coloridas, mas o tom de azul tem destaque entre elas, com temperatura predominantemente fria. A fotografia noturna apresenta variados tons e cores, com alta luminosidade nesses pontos, enquanto o restante da imagem tem baixa luminosidade predominantemente. A alta saturação, com pouca quantidade de cinza na composição da cor, traz maior intensidade na interpretação da fotografia, em conjunto com a baixa luminosidade.

Os detalhes de como os elementos relacionam-se entre si, representam os procedimentos relacionais, segundo Oliveira (2009). A imagem apresenta registros muito rápidos de diversos planos, dessa forma, leitor da imagem recebe para sua interpretação elementos que o instigam a fazer a leitura negativa, com sensação de agressividade do movimento. Além disso, os prédios são elementos do dia a dia de pessoas que residem em grandes centros urbanos, e culturalmente, em conjunto com as ruas no período da noite e suas luzes agressivas, podem remeter à vida corrida e sensação de ansiedade, que incentivam a leitura dinâmica e agitada.

No último momento da leitura, segundo os critérios utilizados, o leitor da imagem retorna sua atenção ao todo e aos detalhes, na busca por elementos e significados que podem não ser

perceptíveis à primeira vista. Através de sua capacidade cognitiva, seus conhecimentos, experiências pessoais e referências culturais o leitor transita entre as partes e o todo do conjunto estético, buscando compreender seus componentes.

Outras fotografias que foram produzidas (FIGURAS 2 e 3), retratam o sentido da audição, responsável pela representação e interpretação de sons e ruídos no ambiente, com foco também no sentido da visão, segundo trecho de autor autista, que relaciona ambos sentidos e o esforço necessário para entender o que uma pessoa está falando. A seguir o texto que as acompanham:

Olhamos para a voz da outra pessoa. As vozes não são coisas visíveis, mas tentamos ouvir a outra pessoa com todos os nossos órgãos dos sentidos. Quando estamos completamente concentrados em entender o que você fala, nosso sentido de visão sai um pouco do ar (HIGASHIDA, 2014, p. 31).

Nesse caso, não se faz necessário classificar a sensação em hipersensível ou hipo, visto que ambos podem apresentar dificuldade na interpretação do estímulo, os hipersensíveis podem enfrentar distorções ou ampliações dos sons e os hipossensíveis poderão ouvir sons separados uns dos outros.

A Figura 2, teve como objetivo trazer a sensação de tentativa e esforço para prestar atenção na fala de uma pessoa. Fez-se necessário ressaltar a disfunção sensorial no sentido da audição, em uma cena cotidiana entre duas pessoas, evidenciando o comprometimento do TEA na comunicação, sociabilização e comportamento.

Figura 2: Fotografia com prisma



Fonte: autora, 2022.

Analizando as linhas, é possível perceber que são irregulares, curvas e onduladas. Além disso, o padrão da estrutura básica da composição visual é repetitivo, onde as linhas repetem a mesma forma em média oito vezes. Já as figuras geométricas formadas são circulares e ambas as linhas quanto formas se cruzam e se sobrepõem na imagem.

Observa-se visualmente nuances, com efeito de volume, através das diversas camadas que se sobrepõem e apresentam certa opacidade com efeito de diversas imagens. O leitor pode perceber um enquadramento fechado, diversas dimensões e uma textura pontual na boca,

onde se tem maior definição e nitidez, diferente das outras partes da fotografia que apresentam opacidade.

Em relação às cores da imagem, a saturação da fotografia é regular, não se destaca pelo extremo, bem como a sua luminosidade, que apresenta certa suavidade, por conta também da falta de nitidez da imagem. O tom quente é predominante enquanto temperatura da imagem, por se tratar de uma fotografia de pessoa, as cores transitam entre o bege, o tom rosado na boca e alguns pontos escuros nos cantos extremos da fotografia.

A Figura 2 trata de um momento rotineiro, onde pode-se estabelecer conexão por meio de palavras e conversas. Percebe-se também que o efeito do prisma traz diversas imagens em repetição, com foco em um plano com a boca como elemento principal, que a evidência. A fotografia trata de uma sensação negativa do TEA, em relação ao sistema da audição, que perpassa também o sistema visual, sobretudo em relacionamentos interpessoais.

Figura 3: Fotografia borrada



Fonte: autora, 2022.

Na Figura 3, é utilizada a técnica de longa exposição com o disparo fotográfico de maior duração, onde o movimento realizado é capturado, formando um borrão com a sua trajetória.

As linhas são múltiplas e apresentam trajetórias em curvas na imagem. Existem diversos planos, mas dois destacam-se, o primeiro momento, da modelo parada com postura reta e o segundo o final da trajetória, com a cabeça inclinada. As figuras que são formadas são circulares e ovais.

Novamente, não existe uma textura bem definida em fotografias com efeitos de borrões, a nitidez é comprometida e a imagem não apresenta definição. A luz apresenta-se bem dispersa, sem pontos de contraste e sombras marcantes, pode-se considerar a luz frontal. A fotografia em preto e branco, anula as cores tradicionais, dando espaço à escala de cinza, com diversos pontos em preto.

A presença da mulher como foco na imagem e enquadramento fechado, com breve respiro na parte superior da imagem, pode evidenciar a intimidade, ou trazer ao leitor uma relação negativa de proximidade, dependendo de suas vivências sociais. Existe um certo contraste

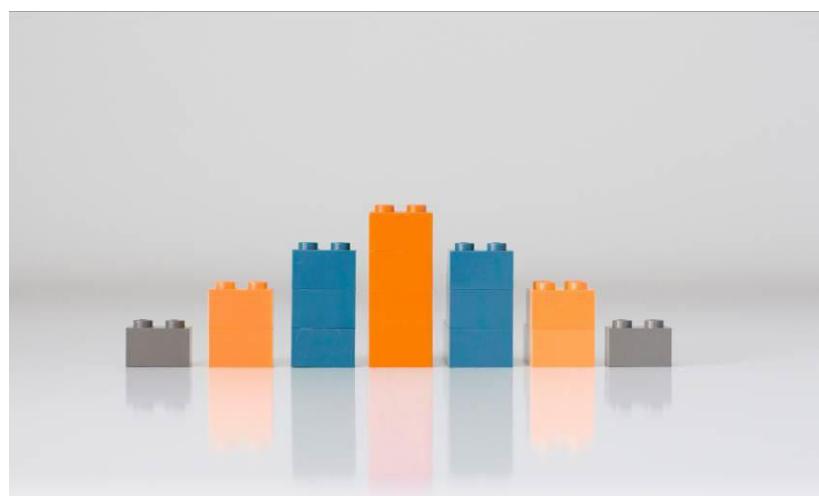
entre a parte superior da imagem, que dedica seu espaço ao branco em relação a parte central e inferior, onde a modelo realiza um movimento repetitivo com uma expressão séria em seu rosto, apresentando um movimento não habitual.

A interpretação de sons pode ser desconfortável e confusa para autistas com o estímulo sensorial intenso, evidenciado na fotografia, com um elemento distorcido, apresentando também a conexão entre os sistemas auditivo e visual.

Adentrando as peculiaridades do autismo, a próxima fotografia (FIGURA 4) destaca o sentido da consciência corporal, responsável pela percepção das partes do corpo e movimentos em relação ao espaço. Os autistas hipossensíveis podem apresentar enfileiramento de objetos por padrões, como tamanho e cores. A seguir o texto que acompanha a fotografia:

Coisas constantes nos confortam, e existe uma beleza nelas
 (HIGASHIDA, 2014, p. 63).

Figura 4: Fotografia de lego



Fonte: autora, 2022.

Em relação aos elementos que sustentam a composição visual da Figura 4, existem linhas paralelas com sua posição vertical e formas bem definidas. Observa-se uma linha sutil horizontal, que encontra as verticais. As formas geométricas são retângulas e quadradas, e ainda, com uma visão macro o leitor consegue visualizar o enfileiramento como um grande triângulo.

Existe apenas um plano em evidência, que é o ponto de foco da fotografia, onde os elementos centrais estão posicionados lado a lado. É possível perceber em relação ao enquadramento um respiro na imagem, com espaço em branco na parte superior, podendo transmitir ao leitor a tranquilidade. As peças de encaixe de plástico possuem textura lisa com bastante nitidez.

Em se tratando de cores na fotografia, a luminosidade não apresenta grandes variações, apenas com suave tom de cinza ao fundo. Os tons de cores são vibrantes e com saturação significativa, com destaque aos elementos coloridos no fundo branco acinzentado. A imagem tem sua temperatura equilibrada, sendo um pouco mais quente, porém sem grande destaque nesse sentido.

Os blocos de montar de plásticos, conhecidos como “Lego”, são brinquedos que constituem uma dinâmica criativa de montagem e criação. A escolha desse brinquedo é significativa e trata da peculiaridade e forma atípica de enxergar.

As leituras das imagens apresentaram o percurso de exploração básica, de elementos e interpretação cultural, que variam a cada receptor. Enquanto emissora, a leitura contou com algumas interferências que são de conhecimento da produção e intenção da mensagem. Além da análise, informações argumentativas e de desenvolvimento da produção fotográfica foram ressaltadas, de acordo com os parâmetros citados nas entrevistas que auxiliaram na direção das imagens.

A produção das fotografias evidenciou em sua composição o sistema do sentido que foi explorado, aliando técnicas fotográficas à sensação que era desejada como resultado. É possível conferir as imagens na íntegra nas referências bibliográficas.

7 Considerações Finais

O autismo é um transtorno que afeta milhões de pessoas no mundo todo, compromete a comunicação, sociabilização e comportamento, e possui diversas manifestações com alta complexidade de compreensão, por ser um espectro.

Entre suas características e mais diversas dificuldades que o grupo enfrenta constantemente em sua rotina, destaca-se a disfunção sensorial, que é a responsável por tornar a receptividade aos estímulos externos diferente da neurotípica, causando extrema dificuldade no processamento e organização das informações sensoriais que são enviadas constantemente no mundo. Dessa forma, os autistas podem apresentar hiper ou hipossensibilidade para cada sensação. Ou ainda, dentro de um sentido sensorial, para algumas coisas podem apresentar sensibilidade extrema (hipersensibilidade) e outras, a busca pela sensação (hipossensibilidade).

Por conta das diversas dificuldades sociais que os autistas possuem, apresentou-se a necessidade de gerar maior conscientização e apoio à causa. O seguinte trabalho propôs então, o uso da fotografia como meio de comunicação visual para a reflexão e conscientização da percepção de mundo autista, onde foram realizados estudos das principais características do espectro, explorando sobretudo a disfunção sensorial. Também se aprofundou o estudo da comunicação visual e seu potencial enquanto ferramenta de transmissão de mensagem, a partir da leitura das imagens. Destacou-se ainda a fotografia, com diversas funções, evidenciando o potencial de reflexão dessa ferramenta visual e trazendo exemplos desse uso específico ao longo da história. E por fim, através das entrevistas de campo, pode-se mapear diversas necessidades e dificuldades na rotina do grupo de autistas estudado, possibilitando a sequência do trabalho.

Considera-se que a produção das fotografias com foco na transmissão de determinadas sensações, com destaque em alguns dos sentidos sensoriais pela perspectiva autista, apresenta grande potencial de reflexão, incentivando a empatia ao necessitar da interpretação e leitura visual do receptor da mensagem, trazendo composições que geram conforto ou desconforto, de acordo com a cultura e sobretudo, com o oposto de uma visão neurotípica do mundo, apresentando com êxito a percepção do mundo autista.

Compreendeu-se que o trabalho demonstrou a possibilidade de uso da fotografia como ferramenta de potencial reflexivo, bem como investigou a comunicação visual e suas etapas, resultando na produção fotográfica e descrição de imagens que carregam mensagens importantes de conscientização por meio da empatia com autistas.

A pesquisa limitou-se nesse escopo, mas percebe-se que existe um mundo a ser investigado no que diz respeito à fotografia, causas sociais e soluções que podem ser propostos em relação ao autismo. Sugere-se que possa se avançar em relação às pesquisas de design universal,

projetando mais produtos e experiências com foco em autistas. Em uma pesquisa futura pode-se desenvolver projetos que tragam a reflexão da sociedade, e destaca-se nesse caso, a necessidade de entrevistas de campo durante a pesquisa, agregando maior conhecimento sobre dores e necessidades para que se possa documentar dados para futuras pesquisas sobre o assunto.

8 Referências

- BAGGIO, A. T. **Imagens que pensam, que sonham, que sentem. Uma proposta ousada?** São Paulo: Galaxia, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a18.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- DINIZ, Deborah. BARBOSA, Lívia. SANTOS, Wederson Rufino dos. **Deficiência, direitos humanos e justiça.** São Paulo. Dezembro, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452009000200004&lng=en&nrm=iso&tlang=pt>. Acesso em: 15 maio. 2020.
- DONDIS, Donis. Tradução Jeferson Luiz Camargo. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: 3º ed. Martins Fontes, 2007.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** São Paulo: Hucitec, 1985.
- FRUTIGER, Adrian. **Sinais e Símbolos. Desenho, projeto e significado.** Martins Fontes. São Paulo, 2007.
- GALLINA, Luana Paula. **TOC THERAPY: DESIGN E ESTIMULAÇÃO MULTISENSORIAL PARA CRIANÇAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA).** Bento Gonçalves, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Design) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5197/TCC%20Luana%20Paula%20Gallina.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 março 2020.
- GORSKI, Brenda Francis. **FOTOGRAFIA E COMUNICAÇÃO VISUAL: A PERCEPÇÃO DE MUNDO DO AUTISTA POR MEIO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA.** 2021. 113 f. TCC (Graduação) - Curso de Design Gráfico, Centro de Artes, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- GRANDIN, Temple. PANEK, Richard. **O Cérebro Autista: Pensando através do Espectro.** Tradução Cristina Cavalcanti. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Tradução de: The autistic brain: thinking across the spectrum.
- HATCH-RASMUSSEN, Cindy. **Sensory Integration in Autism Spectrum Disorders.** Autism Research Institute: Autismo is Treatable. Disponível em: <<https://www.autism.org/sensory-integration/>>. Acesso em: 4 nov. 2020.
- HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- JUNIOR, Francisco Paiva. **Nova classificação de doenças, CID-11, unifica Transtorno do Espectro do Autismo: 6A02.** In: Nova classificação de doenças, CID-11, unifica Transtorno do Espectro do Autismo: 6A02. Online, 3 jan. 2022. Disponível em: <<https://tismoo.us/saude/diagnostico/nova-classificacao-de-doencas-cid-11-unifica-transtorno-do-espectro-do-autismo-6a02/>>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- MAENNER, Matthew J. et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. **Mmwr. Surveillance Summaries**, United States, v. 70, n. 11, p. 1-

16, 3 dez. 2021. Centers for Disease Control MMWR Office.
<http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7011a1>. Disponível em:
<https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm#suggestedcitation>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MATTOS, Jací Carnicelli. **Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem.** Rev. psicopedag. vol.36 no.109 São Paulo jan./abr. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862019000100009>. Acesso em: 10 março 2020.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática.** São Paulo: Martins Fontes, 350 pg. 1997.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Imagen também se lê.** São Paulo: Editora Rosari, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Júlia Bertolucci Delduque de. **Reflexões sobre a fotografia e arte: um olhar sobre fotoformas e sombras.** Porto Alegre, dezembro, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27883/000768030.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2020.